



VISÃO DO CORREIO

Basta de preconceito

O preconceito é inaceitável e deve ser combatido com todas as forças. Não há como minimizar esse tipo de comportamento retrógrado, que, aos olhos da lei, deve ser tipificado como crime, pois está na raiz de toda a violência que ceifa vidas de inocentes apenas por causa de sua orientação sexual, sua opção religiosa, por ser mulher, negro, indígena, por não se adequar ao que a sociedade define como padrão tradicional.

A desculpa de que um comentário agressivo foi apenas uma brincadeira de mau gosto, que deve ser relevado porque alguém bebeu um pouco além da conta naquele churrasco familiar de fim de semana, deixou de caber no mundo civilizado que todos anseiam. É esse tipo de complacência que estimula os preconceituosos a se sentirem fortalecidos para continuar cometendo crimes. Acreditam que jamais serão punidos.

Movido pelo preconceito, o Brasil, infelizmente, tornou-se o país que mais mata gays, transexuais, travestis. Também é um campeão em feminicídio. De cada 10 pessoas assassinadas todos os anos, sete são negras. Os ataques contra indígenas estão em disparada. Não há o menor respeito em relação a pessoas com deficiência. Por onde quer que se olhe, a intolerância está latente. É impossível ter paz em uma nação em que o preconceito está enraizado e pouco se faz para combatê-lo.

Como diz o senador Fabiano Contarato (Rede-ES), em entrevista ao *Correio*, o Brasil precisa, urgentemente, começar a reverter séculos de políticas estruturais machistas,

racistas e LGBTfóbicas. Isso se faz por meio de ações consistentes nas áreas de educação, saúde, economia e segurança pública. O preconceito, acrescenta ele, aumenta as desigualdades sociais, retarda a busca por melhores condições de vida e por justiça.

O senador, por sinal, deu uma forte lição ao país ao enfrentar, com altivez, um de seus agressores na CPI da Covid. A força das palavras do parlamentar ecoaram e deram a certeza de que há, sim, um movimento irreversível contra a intolerância. Mas é preciso mais. É necessário que o Congresso encampe de vez projetos que punam aqueles que discriminam, que desrespeitam os que pensam e agem diferente. As conquistas até agora vieram com o apoio do Judiciário, que tem sido um farol no deserto perigoso do preconceito.

Nada, porém, vai mudar se não houver um engajamento real da sociedade. Discursos vazios não contribuem para nada. Chegou a hora de políticas concretas, de cobrar as autoridades, os legisladores, aqueles que têm poder de decisão. Se não for assim, o país continuará empilhando mortos — gays, trans, mulheres, negros — somente porque seus assassinos discordaram de seus comportamentos, de sua cor, do fato de serem do sexo feminino.

Respeitar o próximo, o direito de cada um ser o que é, de pensar diferente, de ter a sua fé é o caminho para um país mais justo socialmente. Já excluímos e enterramos inocentes demais. Basta de tanta intolerância. Não ao preconceito.



- Não trabalho mais com maçãs. Agora é só mercado offshore.

>> Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato
E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Atraso

Já fomos a décima economia capitalista do planeta, sem que a riqueza fosse adequadamente repartida! Uma nação não vai para a frente quando não prevalecem a justiça cidadã e a paz social, quando não há garantia do direito ao trabalho (e, portanto, ao descanso), quando os privilégios exclusivos são apresentados como conquistas inevitáveis de alguns apaniguados. Uma nação perde tempo quando valoriza o cinismo que acomete fartamente alguns que se preocupam com quantos dias de folga tiram, aqueles milhões para os quais sobra muito pouco de vida sã fora do horário de trabalho. A herança escravista da colonização ainda pesa sobre as decisões do país, mesmo considerando a aproximação do bicentenário de sua independência. Não à toa, o historiador Caio Prado Júnior (1907-1990), em *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), frisava que a base colonizadora se deu com a produção agrícola e mineradora realizada de forma espoliativa e em grande escala, mobilizando, para tal, grande número de indígenas e africanos escravizados. Outro agravante destacado pelo autor: "A colonização não se orienta no sentido de constituir uma base econômica sólida e orgânica, isto é, a exploração racional e coerente dos recursos do território para a satisfação das necessidades materiais da população que nele habita". A tríade da exploração colonial — exportação, escravismo e latifúndio — marca até hoje a rede de privilégios que sustenta a ociosa "elite do atraso", conforme feliz expressão cunhada pelo sociólogo Jessé Souza. Por isso, não interessa à oligarquia dominante a formação de uma nação autônoma, aberta para a aquisição da cidadania democrática.

» **Marcos Fabrício Lopes da Silva**, Asa Norte.

Tempestade de areia

Foram divulgadas pela imprensa imagens e fotos alarmantes de tempestade de poeira em Franca-SP. Não, não se tratava de imagens de filme de ficção de invasão e destruição do planeta Terra. Era a realidade, e não ficção, da natureza sendo abusada e destruída. É preciso colocar lenço no nariz — com o uso frequente de máscaras da atual pandemia dispensa-se recomendações — para se resgatar a história. Sabe-se que São Paulo foi a terra da cafeicultura, orgulho nacional como um dos itens mais importantes da pauta de exportação. Responsável até pela imigração de

Desabafo

>> Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

“Enquanto o povo sofre, o Paulo Guedes “offshore” também...”

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Prefeito do Rio, no ritmo da vacinação em massa, diz que vai liberar geral no carnaval e no réveillon em 2022.

José Matias-Pereira — Lago Sul

O macilento e lambetotas presidencial, o Zé Carioca, da Havan, apressadinho, providenciou sua fantasia carnavalesca: Papagaio de pirata!

Renato Vivacqua — Asa Norte

Senador Flávio Bolsonaro, por favor, devolva os R\$ 3,1 milhões que o senhor pegou do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo para comprar sua mansão de R\$ 6 milhões. O SBPE não é para milionários.

Joaquim Antunes de Carvalho — Asa Norte

O dólar sobe, sobe, só sobe: para que descer, se o “buck” vive no paraíso? Dane-se quem mora no inferno (o povo, que comeu o ovo...).

Marcos Paulino — Águas Claras

Congresso sempre cria dificuldades. Vão, enfim, usar verdades para mentir. O autoritarismo não é a solução, ele é a causa do problema. A tragédia da covid é uma oportunidade para reavaliar as ações e gestões nas áreas da saúde, segurança, transporte e educação.

» **Renato Mendes Prestes**, Águas Claras

milhões de europeus no final do século 19 e início de 20. Também teve o ciclo da cana-de-açúcar, onde nordestinos, fugitivos da seca, eram mão de obra para o corte da cana. Mais tarde, a mecanização tomou conta dessas produções exponenciais, cansando a terra. Surgiu a figura do agronegócio dando escala estratosférica por outras regiões do Brasil e exportando para o mundo, do frango à soja. O latifundiário fala com muita propriedade. Apareceram os ufanistas a bradar que o Brasil alimenta o mundo, mas no próprio terreiro os aliados desse processo expansivo recorrem a restos de carne de ossadas destinadas ao lixo para fazer caldo ralo como sustentação da vergonha nacional. Tem hora que a natureza se cansa e joga em nossa cara poeira para alertarmos que estamos lhe abusando em demasia.

» **Eduardo Pereira**, Jardim Botânico

Fraude

O presidente está certo: houve, sim, fraude nas eleições de 2018. Só que Bolsonaro segue o manual de sua turma e acusa os outros daquilo que ele mesmo pratica. Está amplamente demonstrado como a engrenagem das fake news ajudou a fraudar a democracia pelo mundo. No Brasil, não foi diferente. Sobram imagens de gente próxima a Bolsonaro ao lado de figuras internacionais envolvidas no esquema. O governo, hoje, não tem condições de enfrentar politicamente a crise sanitária, pois, até o momento, temos quase 600 mil mortos. O liberalismo com radicalismo juvenil do poderoso ministro da Economia apresenta seguidas falhas. Do que adianta distribuir álcool em gel se nem há esgoto na favela? Não acredito no Estado pesado, mas acho essa discussão equivocada: o desafio é saber discernir, entender em que situações o Estado é necessário ou simplesmente inútil. A resposta depende do contexto. E o contexto brasileiro mudou: estamos perto de uma hecatombe social. Possíveis falácias que venderão para a população: medidas fortes são compulsórias porque o momento exige, mas o



TAÍS BRAGA
taisbraga.df@dabr.com.br

De apagão e encontros

O dia foi mais silencioso ontem. Durante quase oito horas, as redes sociais mais utilizadas em todo o planeta pararam de funcionar, provocando uma súbita mudança de hábito nas pessoas. Muitos migraram para diferentes aplicativos de conversação e experimentaram outras plataformas. Mas foi diferente. Não se ouvia os ruídos característicos das notificações e, por outro lado, o chamado do telefone esteve mais frequente. É claro que foi o assunto mais comentado.

Para se ter uma ideia, o aplicativo WhatsApp tem mais de 2,8 bilhões de usuários ativos, segundo estatística do Facebook. Mais de 100 bilhões de mensagens são enviadas diariamente, e um usuário médio (apenas do sistema Android) dedica 38 minutos do seu dia à troca de mensagens. Isso sem falar no tempo que passa navegando pelo Instagram ou Facebook. Parece muito tempo. E é. Há muitas críticas sobre a quantidade de minutos e horas que se passa em frente às telas e telinhas, o fenômeno é analisado por estudiosos em diversas áreas. Gente que também usa, e muito, as facilidades das redes.

O tema rende opiniões e discussões infinitas. Há vários aspectos a se analisar sobre o uso das redes sociais. Desde a aproximação entre pessoas distantes — e vimos o benefício nos meses mais críticos da pandemia, no contato entre pacientes e pessoas queridas, entre os que estavam isolados em suas casas — aos novos modelos de negócio, de trabalho, estudo e diversão (as lives de shows, por exemplo), as redes mudaram a vida de cada um. E revolucionaram o jeito de viver de cada ser humano. Basta observar os novos bebês e crianças pequenas. Eles conversam com as telas ou deslizam os

dedinhos pelas superfícies de smartphones com a desenvoltura de quem tem informação genética. Quanto aos maiores, nem é preciso falar — verdadeiros professores.

A grande dúvida é definir se tudo isso é bom ou ruim. Depende da situação. É preciso reconhecer que a ausência dos serviços, ontem, trouxe muitos prejuízos. As próprias empresas amargaram queda no valor das ações, grandes negócios precisaram ser adiados e, principalmente, os pequenos, aqueles que haviam se reinventado para enfrentar a pandemia, ficaram de braços, ou melhor, de dedos atados à espera de nova conexão. Não foi a primeira vez que ocorreu um apagão na comunicação virtual, nem será a última, visto que lidamos com sistemas informáticos sujeitos a panes, problemas técnicos ou erros.

Sem conexão pelas redes, porém, muitos contatos foram feitos por telefone, foram vozes que se reencontraram. Até mesmo pessoalmente. Sem acesso às plataformas, sobrou tempo para dar uma olhada naquele livro comprado e deixado sobre uma mesa, para conversar com o colega de trabalho, com o passageiro ao lado na cadeira do ônibus/metrô. E comentar sobre o apagão. Foi um dia diferente.

A verdade é que, enquanto facilita a rotina a que nos submetemos, a vivência online tem nos tirado tempo. Há um velho ditado que diz que tempo é dinheiro, todavia, não podemos comprar tempo. Portanto, tempo é o que vivemos no mundo real, é aquele que não volta. Tempo é vida. E, ontem, longe do virtual, pudemos vivê-la. Se eu pudesse dar um conselho, de vez em quando, viva um apagão.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
 E se mais mundo houvera, lá chegara”
 Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
 Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
 Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
 Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
 Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
 Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
 Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
 Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732 - Prédio - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: sociosdoss@uaijgiga.com.br; Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalarj@uaijgiga.com.br; REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaBrasil.com.br; Goiás: Exito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C.2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 98142-6119. Brasília: S4 Publicidade e Representações, SCS Qda G2, Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0077/10072; E-mail: thiagu@supublicidade.com.br; Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
 Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Noticiosa Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press. Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
 Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00

ASSINATURAS*

REG A DOM
R\$ 789,88
360 EDIÇÕES (promocional)

* Preços válidos para todos os estados.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
 Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
 SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 13h às 18h.

DIÁRIOS ASSOCIADOS

Atendimento para venda de conteúdo:
 Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 18h/
 sábados, das 14h às 21h
 Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
 E-mail: dgpress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DA LOG
 Agenciamento de Publicidade